

O clítico e seu hospedeiro

Leda Bisol
PUCRS

Resumo: Este artigo descreve o papel do grupo clítico na fonologia do português brasileiro, visível tão-somente em regras pós-lexicais. Entre suas peculiaridades, é digno de nota seu comportamento e m relação à aplicação de certas regras do componente pós-lexical.

Palavras-chaves: Escala prosódica. Grupo clítico. Regras pós-lexicais.

Abstract: This paper describes the role of the Clitic Group in Brazilian Portuguese which is visible only in post-lexical rules. Among its peculiarities the one to be noted is its behavior in relation to the application of some rules in the post-lexical component.

Key words: Prosodic scale. Clitic group. Post-lexical rules.

Introdução

Tradicionalmente os morfemas são classificados em formas livres, presas e dependentes. Formas livres, que ocorrem entre brancos e têm acento próprio por si sós podem constituir uma frase; formas presas incorporam-se a formas livres, alterando-lhes o tamanho e o sentido; formas dependentes, que não têm acento mas ficam entre brancos, apóiam-se no acento da palavra seguinte ou precedente. Essas são os clíticos, tema deste estudo.

Uma das questões mais discutidas nos últimos tempos é o estatuto prosódico do clítico com seu hospedeiro: *de casa, chamem-no, para Joana*. Segundo Nespor and Vogel (1986), que o rotulam grupo clítico, é o nível prosódico situado entre a palavra fonológica e a frase. Para Mattoso Câmara (1970), é uma palavra fonológica e há os que afirmam, como Booij (1996), Peperkamp (1997) e Vigário (2003), que é uma palavra fonológica reestruturada, cuja prosodização pode dar-se no léxico ou na frase. A prosodização do clítico vem sendo, pois, discutida em termos de duas localidades: palavra e frase.

A idéia desenvolvida neste artigo é que o clítico é prosodizado no pós-léxico junto à palavra fonológica com a qual constitui um constituinte prosódico. Sustentam-na dois argumentos: i) não pode ter mais do que um acento, o que o diferencia das demais frases prosódicas, ii) está sujeito somente a regras pós-lexicais.

Dados empíricos que dão suporte às idéias norteadoras da análise são apresentados no decorrer do desenvolvimento do artigo.

1 Propriedades dos clíticos

Clíticos são palavras funcionais que não pertencem a uma classe morfológica específica. Destituídos de acento, apóiam-se no acento de uma palavra vizinha e raramente se tornam cabeça de frases.¹ Sob a perspectiva da Fonologia Lexical, outra característica se lhes aponta, advindas do português brasileiro: clíticos com seus hospedeiros estão sujeitos tão-somente a regras pós-lexicais, como veremos mais adiante. Note-se que a última propriedade é uma característica de língua particular, pois, enquanto no catalão, para citar uma língua, o clítico, segundo Bonet and Lloret (2005), prosodiza-se no nível da palavra, no português brasileiro, como no napolitano (Peperkamp, 1997) prosodiza-se no nível da frase.

Cinco são as propriedades dos clíticos. As três primeiras são universais; as duas últimas, de língua particular:

- são átonos
- são formas dependentes
- pertencem a diferentes classes morfológicas
- são ignorados por regras sensíveis à informação morfológica
- junto de seu hospedeiro oferecem contexto para regras fonológicas pós-lexicais.

Descartando-se as palavras funcionais com acento facilmente cliticizáveis, os clíticos do português são os seguintes:

- | | |
|---------------------------------------|----------------------|
| (1) o, a, um, uma | artigos |
| de, em, sem, com, por, a, entre, para | preposição |
| se, me, te, nos, o, a, lhe | pronome pessoal |
| e, mas, ou, se | conjunção |
| que, porque, cada | pronome ou conjunção |

¹ Por razões métricas motivadas pela frase entonacional, em algumas línguas, como espanhol, enclíticos podem portar o acento da frase.

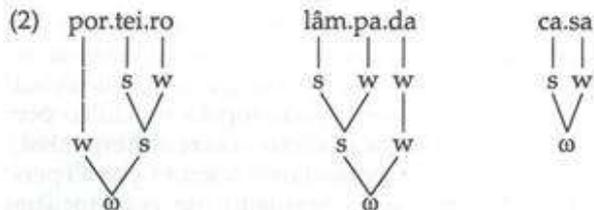
Sob o prisma fonológico, importa lembrar o fato, assaz referido na literatura, de que o clítico não pode ocorrer isoladamente. Vimos que, destituído de acento, apóia-se na palavra fonológica vizinha. Há línguas em que o acento pode incidir no clítico por razões métricas relacionadas à frase, como ocorre no espanhol, mencionado anteriormente e no napolitano, referido por Peperkamp (1997, p. 178). No português brasileiro, no entanto, sua presença junto a uma palavra sequer altera a posição do acento, *contávamos /contávamos-lhe*, fato observado no espanhol, por Zwicky (1977) no italiano e turco por Nespor and Vogel (1996), línguas em que, como o português, o acento não ultrapassa a terceira janela. Por outro lado, o grupo clítico se limita a um só acento, enquanto não há limites para o número desses acentos dentro da frase.

Prosodicamente, com respeito à função sintática, não importa ao clítico qual função venha a assumir junto de seu hospedeiro ou isoladamente no caso do pronome pessoal. O que conta é a relação dominante-dominado que entre os dois se estabelece, em termos de fraco e forte (w s) ou vice-versa, auferindo-lhe, junto de outras propriedades, o estatuto de constituinte prosódico, independentemente de fazer parte da escala prosódica, questão essa não-consensual. Ademais a Fonologia Lexical que tem por pressuposto a Condição de *Bracketing*, condição de apagamento de colchetes internos ao finalizar das operações de cada componente, seja lexical seja sintático, deixa sem informações morfológicas ou sintáticas o componente pós-lexical em que se dá a prosodização do clítico. Diante disso, tornam-se iguais: *te dizer, dizer-lhe, de noite, com calma, de tardezinha, em surdina*, independentemente da categoria do cabeça do constituinte e da função assumida na frase. Por conseguinte a prosodização do clítico junto ao hospedeiro se processa no pós-léxico, sem informação de categoria morfológica ou de função sintática.

2 A palavra fonológica e o clítico

De acordo com Booij (1983, p. 270-271), a palavra fonológica tem três funções:

Primeiro, é portadora de relações de proeminência como (2) exemplifica.



Segundo, é domínio de regras fonológicas lexicais. O clítico nunca é o portador de proeminência relativa e junto a seu hospedeiro não é, no português brasileiro, domínio de regra lexical, como veremos mais adiante.

Terceiro, a palavra é domínio de restrições fonotáticas: Há línguas que não aceitam monossílabos como palavra fonológica, pois a identificam pelo pé métrico, o que o português com seus monossílabos *pé, pá, fé, dó, etc.*, não faz.² Mas há restrições de outra ordem, a que os clíticos são insensíveis. Por exemplo, palavras não começam por consoantes palatais (as exceções são empréstimos: *lhama, nhoque*). No entanto, na classe dos clíticos existe *lhe* que começa por palatal. Vale notar que, variavelmente, despataliza-se em algumas falas regionais, *eu lhe falei ~le falei*, variante que a palatal da palavra lexical desconhece: *lhama, *lama; palhaço, *palaco*.

É comum dizer-se que a palavra fonológica corresponde ao elemento terminal de uma árvore sintática. Todavia palavras prosódicas menores que as morfológicas são encontradas em várias línguas, entre as quais, sânscrito, turco e italiano (Nespor and Vogel, 1986). Nas duas primeiras, cada raiz de um composto forma uma palavra fonológica independente, juntando-se os afixos à última raiz. No italiano, prefixos acabados em vogais constituem por si sós palavras fonológicas, enquanto prefixos acabados em consoantes se anexam a uma raiz para constituir com ela uma só unidade prosódica. Em português, certos prefixos podem manifestar-se como palavras prosódicas (3b).

- (3) a. prefixo b. palavra
 prefácio pré-vestibular
 posfácio pós-lexical

² Ver J. S. Magalhães que defende a idéia de que em nível de input essa exigência tem um papel.

Diferentemente do grego e do latim em que, segundo Nespor and Vogel, o composto tem a mesma constituição de uma palavra fonológica, sílaba, pé e apenas um acento primário, em português há compostos formados de duas ou mais palavras com acento próprio (4 a), como há os que se identificam com uma só palavra fonológica (4 b):

- (4) a. guarda-chuva b. pernalta
 luso-brasileiro planalto
 salva-vidas aguardente

Segundo Nespor and Vogel, não existem palavras prosódicas maiores do que o elemento terminal de uma árvore sintática. Todavia Mattoso Câmara Jr. (1970), assim como Peperkamp (1997) interpretam como palavra fonológica o resultado de uma regra de sândi, em virtude da presença de um só acento primário, embora seus pontos de vista não sejam exatamente os mesmos.

- (5) mar azul > [ma.ra.zul] ω (Câmara Jr)
 mar azul > [ma]ω [razul] ω (Peperkamp).

Essa questão não será aqui discutida. Mas fatos como esses têm reflexos em erros escolares como *miagrada* por *me agrada*, *fadamiga* por *fada amiga* e *quisperança* por *que esperança*. Também há registros em documentos antigos como os citados por Souza da Silveira (1952):

"Desdo Trópico ardente ao Cinto frio" (Camões, Lus. 129,8)

"assi que *dâmbolos* olhos Martin Alvitez cegou" (Afonso o Sábio. C S M, 60)

"e dizem *quistu* é o que quis dizer Platão" (Heitor Pinto, Im, tomo I, 462)

Feitas essas considerações gerais, concentremo-nos nas regras fonológicas que envolvem clíticos.

3 Regras fonológicas

A Fonologia Lexical, que distingue regras fonológicas lexicais atuantes na formação do léxico de regras pós-lexicais de aplicação pós-sintática, ressalta com relação às primeiras a sensibilidade à informação morfológica, propriedade ausente nas regras fonológicas pós-lexicais. As regras lexicais apresentam quatro características, de acordo com o modelo standard (Kiparsky, 1982, 1985):

- a. Têm acesso à ciclicidade
- b. São sensíveis à Condição do Ciclo Estrito
- c. São preservadoras, isto é, atendem ao Princípio de Preservação de Estrutura
- d. Podem ter exceções.

As regras pós-lexicais definem-se pelos valores opostos:

- a. Não são cíclicas, conseqüentemente ignoram o Princípio do Ciclo Estrito
- b. Não são preservadoras, isto é, não atendem necessariamente ao Princípio de Preservação de Estrutura.
- c. Não têm exceções.

Como dizíamos, os clíticos, no português brasileiro, inexistem para as regras lexicais. Existem, sim, para as regras pós-lexicais. Começemos pela neutralização das átonas, considerando as duas últimas características supramencionadas.

(6) a. Ambos os sistemas b. pretônica c. átona final

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| i | u | i | u | i | u |
| e | o | e | o | | |
| ε | o | | | | |
| a | | a | | a | |

Em PB, o sistema de sete vogais que se manifesta na tônica é neutralizado para cinco vogais na pretônica e para três na átona final com uma pauta interveniente, a da postônica não-final em que o sistema de cinco vogais alterna com o de três. O sistema de sete vogais é preservador, ou seja, anulada a vogal média baixa, as demais são preservadas. Note-se que a regra da neutralização da pretônica, *belo>beleza; porta>portal*, não cria alofones, pois a redução favorece a vogal média alta, que faz parte do sistema, o que permite classificá-la como regra lexical. No entanto a redução a três vogais, atuante na sílaba átona final, que é de aplicação categórica em alguns dialetos, como no Rio de Janeiro, *lequ[e]> lequ[i]*, mas em outros não, como em Curitiba, é uma regra pós-lexical em virtude de não ter exceções e de seu caráter variável quanto à aplicação e quanto a nuances de altura da vogal.

Clíticos pronominais podem situar-se em diferentes posições: *falam-se* e *não se falam*. Há ainda a possibilidade da mesóclise. Todavia como forma não presa, a sua vogal final fica receptível à neutralização, que torna alta a vogal final, independentemente da posição. Essa neutralização atinge qualquer clítico não só os pronominais.

Peperkamp valeu-se da assimetria entre próclise e ênclise reveladas no sistema do inglês, do alemão e do italiano, diante de certas regras, como contra-argumento ao postulado de Nespor and Vogel de que o grupo clítico é um nível da escala prosódica, sob a alegação de que os clíticos nessas línguas têm de ser invocados fora da categoria do grupo clítico, uma vez que o processo de anexação ao hospedeiro se faria em um e outro caso de forma diferente. Por adjunção quando o clítico fosse visível às regras, por incorporação quando invisível, como se o clítico e seu hospedeiro fossem duas unidades prosódicas no primeiro caso e uma só no segundo. Opositivamente, o português brasileiro mostra simetria entre próclise e ênclise pronominal, oferecendo testemunho em favor da uniformidade de formação deste grupo que se dá, por adjunção, seja qual for a posição do clítico, e não ou raramente, por incorporação como ocorre com os afixos. Vale observar que os demais clíticos, de modo geral, proclíticos são também são sensíveis à neutralização da átona final.³

- (7) se conta ~ si conta
 conta-se ~ conta-si
 por acaso ~ pur acaso

Outra regra a que os clíticos estão sujeitos, assim como a palavra fonológica, é a nasalização. É consenso entre os fonólogos, embora não tenha sido no passado, que a vogal nasal é, no sistema subjacente, o grupo VN que se contrapõe a V, *kaNto/Kato, seNda/seda, praNto/prato*, originando-se a nasalidade vocálica da expansão do traço nasal do segmento vizinho, tautossilábico. Deixando-se de lado o ditongo nasal fonológico, invariante, que tem uma complexidade a mais, só ocorre em sílabas finais com acento, não atingindo os clíticos, a nasalização da vogal seguida de N tautossilábico não interage com a morfologia:

- (8) a. seNda/seda b. falaN/fala c. seN/se
 kaNto/kato dizeN/ dize eN/e
 seNda/seda parteN/parte

Enquanto em (8a,c), N não é por si só um morfema, em (8b) tem este papel, mas o processo de assimilação que cria a vogal nasal não faz diferença entre N morfêmico (8b) e não morfêmico (8a,c), indicando que a nasalização ignora a informação morfológica.

³ A diferença entre incorporação e adjunção para distinguir respectivamente uma ligação mais estreita de outra mais frouxa faz-se perceptível quando processos diferentes de formação de palavras são cotejados.

Clíticos em posição final (9c) exibem variantes na realização da consoante final que, com os traços articulatórios da vogal precedente, manifestam -se como consoante ou glide: *señ; seʃ; eñ ~ eʃ*, como ocorre em terminações átonas de palavras fonológicas (9a). Há também a possibilidade de a nasal ser apagada quando extramétrica, isto é, fora do âmbito das regras de acento, de acordo com os cânones da teoria métrica, o que é exemplificado nos exemplos abaixo. Por conseguinte, na estrutura subjacente e no componente lexical, a vogal nasal é VN; no pós-léxico, a vogal nasal emerge sem exceções diante de N subespecificado, cuja implementação pós-lexical apresenta variantes:

(9) Nasalização e implementação de N

| | |
|---|---------------------------------|
| a. Palavra prosódica | b. Clítico |
| homem: 'omɛ̃n ~ 'omɛ̃j ~ 'omɪ̃n ~ 'ome / 'omi | em: ɛ̃n ~ ɛ̃j ~ ɪ̃n |
| fórum: 'fɔ̃rũj ~ 'fɔ̃rũw ~ 'fɔ̃rũj ~ 'fɔ̃rũj ~ 'fɔ̃ru | com: kɔ̃j ~ kɔ̃w ~ kũ ~ ko / ku |
| órfão: 'ɔ̃rfãw ~ 'ɔ̃rfũj ~ 'ɔ̃rfũw ~ 'ɔ̃rfũ ~ 'ɔ̃rfu | sem: ɛ̃n ~ ɛ̃j |

A nasalização vocálica que não precisa de informação morfológica e que não tem exceções é, pois, uma regra pós-lexical, assim como a implementação de N que apresenta variantes.⁴

A sonorização da fricativa coronal aplica-se sem exceções dentro da palavra (10a) e fora dela (10c), atingindo os clíticos (10b). Por conseguinte suas propriedades são claramente pós-lexicais:

| | | |
|--------------------------|------------------|-----------------|
| (10) a. Palavras lexical | b. Grupo Clítico | c) Frase |
| pa[s]ta | o[z] meninos | casa[z] bonitas |
| pa[z]mo | o[s] peixes | casa[s] feias |

A palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/ que atinge clíticos é outra regra pós-lexical em função de criar alofones.

| | |
|---------------------------|----------------------|
| (11) a. Palavras lexicais | b. Clíticos |
| time [tʃi mi] | te vi [tʃi] vi |
| dileta [dʒi le ta] | de preto [dʒi] preto |

Por fim, as regras de sândi que, por definição são pós-lexicais, podem envolver clíticos:

| | |
|-----------------------------|----------------------------|
| (12) a. Palavras prosódicas | b. Clíticos |
| casa escura > ca[zes]cura | para Elisa > pa[re]lisa |
| casa escura > ca[zajs]cura | para estudo > pa[rajs]tudo |
| casa amarela > ca[za]mrela | para Amanda > par[ra]manda |

Regras lexicais, cujas propriedades foram inicialmente expostas, entre elas, acento, abaixamento datílico, abrandamento velar, neutralização da pretônica, não atingem clíticos, os quais, como vimos, são sensíveis às regras pós-lexicais que, por natureza, não interagem com a morfologia, não são necessariamente preservadoras do sistema fonológico básico nem apresentam exceções.

Entendendo-se o léxico como um componente de dois níveis, o da raiz e o da palavra, em que regras fonológicas e morfológicas podem interagir, e um componente pós-lexical sem essa interação, há dois possíveis *locus* para o clítico: a palavra e a frase. Há línguas que demandam a presença do clítico no nível da palavra, como o catalão, já referido, ou o português europeu, segundo Vigário (1997) que o vê incorporado à palavra por recursividade. No português brasileiro, todavia, sua presença se faz sentir apenas na frase, onde se prosodiza.

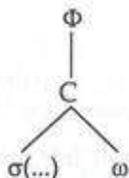
Nesta linha de pensamento, clíticos isentos de propriedades lexicais e das regras que levam esse nome, mas sujeitos a regras pós-lexicais cujo contexto venham a satisfazer, são prosodizados junto a um hospedeiro no pós-léxico, formando um constituinte que, como a palavra fonológica, identifica-se pela presença de um só acento. Dir-se-ia que é a palavra fonológica pós-lexical.

Diante de sua prosodização tardia, admiti-lo como nível da escala prosódica violaria princípios de construção da escala prosódica, os quais demandam que toda unidade da hierarquia prosódica seja composta de elementos do nível hierárquico imediatamente precedente e, ao mesmo tempo, seja integrada totalmente no nível subsequente (Nespor e Vogel, 1996). Todavia todos os fatos do português brasileiro mostram que o grupo clítico, cujo papel na fonologia da língua mais adiante será explicitado, tem a estrutura representada em (13). Fere especificamente Strict Layer Hypothesis (Selkirk, 1984), que reza:

STRCT LAYER HYPOTHESIS: um constituinte do ranking *n* é imediatamente dominado pelo constituinte *n+1*.

⁴ Vigário (2003) que faz uma descrição das regras do português europeu, considerando que o clítico é prosodizado no pós-léxico mas ligado à palavra por recursividade, apresenta a nasalização como evidencia de uma regra lexical sofrida pelo clítico. Os dados do português brasileiro, à luz da Fonologia Lexical, ao contrário, levam-nos a interpretar a nasalização como regra pós-lexical.

(13)



Em se tratando de escala, *silaba < pé < palavra fonológica < frase fonológica < frase entonacional < enunciado* (13), não é uma estrutura ótima, porque apresenta pulos na hierarquia, mas pulos estão previstos, pois dificilmente um clítico formaria um pé por si só. Todavia, admitindo-se que, ao ficar fora do pé, esse pode lhe ser atribuído por convenção, então também por convenção poderíamos atribuir-lhe o status de palavra prosódica, como fizeram Nespor e Vogel, a despeito da perda de expressividade fonológica, no caso específico da língua em questão.⁵

Tomando por ponto pacífico que (13) é a estrutura prosódica do grupo clítico, passemos para a sessão seguinte, motivada pela pergunta: Há regras que têm por domínio exclusivo o grupo clítico?

4 Regras pós-lexicais

4.1 A elisão da vogal /a/

Das três regras de sândi, degeminação, ditongação e elisão da vogal /a/, respectivamente DE, DI, EL, as duas primeiras podem ocorrer no interior de uma palavra (14a) e entre palavras (14b, c). A elisão, EL, todavia, somente ocorre entre palavras (14b, c).

(14)

| a. palavra fonológica | b. grupo clítico | c. frase fonológica |
|-----------------------|-------------------------|----------------------------------|
| DE cooperar > coperar | na avenida navenida | fada amiga > fa[da]miga |
| DI diabo > djabo | de arte > [djar]te | verde amarelo > ver[dja][marelo] |
| EL baunilha, *bunilha | para operar > paroperar | casa escura > ca[zes]cura |

O fato a ser observado é que elisão, (EL), que não se aplica dentro da palavra fonológica, é bloqueada em monomorfemas constituídos de um só segmento e, como a degeminação, é interceptada pela segunda vogal se for portadora de acento principal. Tem, pois, as seguintes inibições:

⁵ Muitos fonólogos têm afirmado que pulos de níveis e recursividade que formam estruturas não-ótimas devem ser permitidas. Ver Hall (1997), Booij (1995), Peperkamp (1997), Selkirk (1995), Vigário (2003).

(15) Domínio proibido e barreiras

- Palavra fonológica: caudilho *cadilho, paulada *pulada, maisena *misena, baunilha, *bunilha.
- Monomorfemas mínimos: mora na olaria, *moranolaria. Ele veio da usina, *dusina.
- Acento principal: para Olga *parolga, mas para Olga Silveira > parolga Silveira.

Em (15 a), a elisão produziria estruturas malformadas. Em (15b), as formas contraídas *na* (em+a) e *da* (de +a), cada uma das quais com dois morfemas funcionais, ficam protegidas da elisão, porque o apagamento da vogal /a/ corresponderia ao desaparecimento de um morfema sem deixar vestígios. O bloqueio do acento principal da frase é exemplificado em (15c), que se desfaz com acréscimo de uma palavra que passa a ser a portadora desse acento. Em contextos apropriados, entra em competição com DI, fato mais uma vez exemplificado em (16).

(16) Competição e contexto livre

- Competição, EL e DI: camisa usada > cami[zu]zada ~cami[zaw]sada
- Contexto livre: para Olinda > pa[ro]linda; menina elegante > meni[ne]legante, casa ordeira > ca[zor]deira.

O fato de EL não se aplicar dentro da palavra é um indício de que o *clítico + hospedeiro* não constitui uma palavra fonológica do tipo lexical, como *borboleta*, *parede*, *brinquedo*, embora o referido conjunto possua apenas um acento. Mas vale notar que, se for preciso fazer referência ao menor domínio de aplicação dessa regra, impõe-se a presença do grupo *clítico + hospedeiro*, pois, a partir daí é que a regra se estende para outros domínios. Isso é uma evidência de que o grupo clítico ocupa um espaço na literatura do português brasileiro como uma entidade prosódica, independentemente de possuir um *locus* específico na escala prosódica.

4.2 Elisão da vogal média [-post]

Vejamos agora uma regra que privilegia o grupo clítico. Trata-se do apagamento da vogal /e/, uma regra variável, muito sensível a palavras funcionais. Diferentemente do português europeu que apaga esta vogal em domínios maiores como regra

geral, sem distinção de variedades sociais, *pele alva* > *pelava*, *pede o livro* > *pedo livro*, (Vigário 2003), o português brasileiro a restringe ao grupo clítico.⁶ Tímidas investidas em domínios maiores não caracterizam o sistema como um todo, diferenciando-se nesse sentido da elisão da vogal /a/, acima referida.

Afora os casos fossilizados, consagrados pela escrita que (17) exemplifica, a variação encontrada nos dados atuais (18) indica que se trata de uma regra ativa não só na fala mas também na escrita: *em um ~ num caso*, *de um ~ dum jeito*, *de outra ~ doutra maneira*, *em outra ~ noutra ocasião*, *de onde ~ donde ven*.

(17) Formas fossilizadas

| | |
|-------------------------|------------------------------|
| falávamos nisso, | *falávamos em isso |
| depois daquilo, daquele | *depois de aquilo, de aquele |
| confia nele | *confia em ele |
| depois daquele dia | *depois de aquele dia |

Em competição com a ditongação, *djum*, *djoutro*, *djonde*, etc., a elisão da vogal /e/ ocorre sobretudo em grupos formados de mais de um clítico (18a) ou de um clítico e uma palavra funcional, sem acento ou com acento (18b). Em algumas variedades de fala como a de Porto Alegre, RS, a regra não se aplica diante de um hospedeiro lexical (18c), em outras, essa restrição se mostra menos impositiva, mas é um contexto de menor aplicação. A regra resiste à aplicação na frase e é bloqueada no interior do vocábulo.

Os exemplos que dizem respeito à variedade de português de Porto Alegre, RS, indicam que a regra não se aplica na frase (18d) e que o elemento designado terminal de seu constituinte prosódico tende a inibi-la, (18c,d), isto é, o elemento de proeminência relativa que projeta na grade uma posição forte, pronta a carregar o acento preponderante, referido por Liberman and Prince (1975) sob a sigla de DTE. O elemento designado terminal é aquele, próximo à borda direita ou esquerda de um domínio, em que incide o maior número de posições fortes, representadas na árvore por *s* de (strong) ou por asteriscos na grade métrica.

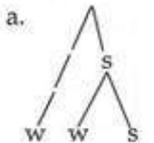
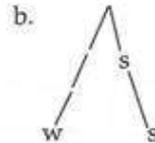
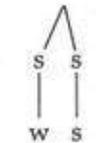
⁶ Note-se que estamos nos referindo à vogal subjacente /e/, independentemente de sua realização fonética.

(18) Contextos

- | | |
|---------------------------------|---------------------------------------|
| a. Dois clíticos | b. Um clítico e uma palavra funcional |
| de+um : dum dia pro outro | em outro dia > noutro dia |
| em + um : Num espaço curto | de outra vez > doutra vez |
| entre + um : Entrum dia e outro | de + este caso > deste caso |
| c. clítico+palavra lexical | d. Duas palavras lexicais |
| de amor, *damor | cidade antiga, *cidadantiga |
| de atenção, *danteção | grande amigo, *grandamigo |
| de amigo, *damigo | leque azul, *le[ka]zul |

Observe-se que a regra ocorre livremente em (18 a, b), não atingindo a posição mais forte da seqüência, mas encontra resistência em (18c). Alguns casos de quebra deste bloqueio são entrados em outras variedades de fala.⁷ O grande obstáculo está em (18d) que indica que a regra não se aplica no domínio da frase.

Vê-se em (19a) que a regra opera livremente em contexto formado por elementos fracos (w). Mas em (19b) em que DTE fica envolvido, a regra mostra titubeios, isto é, algumas variedades regionais respeitam este obstáculo, como Porto Alegre, outras dão sinais de ultrapassá-lo. Em (19c) em que ambas as palavras prosódicas são fortes, isto é, portadoras de acento, ainda que por reestruturação venham formar uma só unidade prosódica com enfraquecimento do primeiro, a regra não se aplica. A frase não é um domínio livremente franqueado.

- (19) a. 
entre um dia
entrum dia
- b. 
entre amigos
? entramigos
- c. 
porte arrogante
* portarrogante

⁷ Ver Brescancini neste volume.

A partir de uma amostra organizada por Claudia Soares Barbosa⁸ (2005) para o estudo do apagamento da vogal final /e/ em dados representativos dos três Estados do Sul que compõem o Banco VARSUL, foi recodificada uma amostra específica de Porto Alegre, RS, por Cláudia Brescancini, a qual submetida à análise variacionista revela o seguinte:

Tabela 1
Apagamento da vogal /e/ em Porto Alegre

| Fatores | Aplicação | Porcentagem | Peso Relativo |
|---|-----------|-------------|---------------|
| Clítico + Lexical de amigo | 14 764 | 2 | 0,38 |
| Clítico + Funcional c/a de outra zona | 14 223 | 6 | 0,69 |
| Funcional c/a + clítico. aquele a gente vê | 10 153 | 7 | 0,70 |
| Clítico + Clítico para o dia todo | 44 494 | 9 | 0,77 |
| Func.+Func. c/ acento aquele + outro | 2 158 | 1 | 0,30 |
| Funcional c/ a + Lexical aquele amigo | 5 381 | 1 | 0,31 |
| Lexical + clítico | 2 135 | 1 | 0,34 |
| Lexical+Funcional c/a vende outro | 0 140 | — | — |
| Lexical +Lexical leque azul | 0 140 | — | — |
| TOTAL | 2556 | 4 | |

Input = .03

Significance = .045

Da Tabela depreende-se que o apagamento da vogal /e/ é de uso limitado, em virtude de suas restrições contextuais. Não se aplica na frase, como indicam as duas últimas linhas da Tabela 1, mas aplica-se tão somente na presença de um clítico, ou melhor, no grupo clítico. O clítico posposto a um item lexical em geral faz parte do constituinte prosódico seguinte, o que tende a inibir a aplicação da regra, como indica o item lexical +clítico.⁹ Os três con-

textos favorecedores estão na terceira, quarta e quinta linhas da Tabela, ou seja, no âmbito de palavras funcionais que estão no mesmo grupo prosódico. Palavras funcionais com acento, em casos como esses, tendem a perder o acento, comportando-se como clíticos. Todavia tem menos liberdade de aplicação diante do portador de DTE, como vimos anteriormente e na primeira linha dessa Tabela. O único caso encontrado de aplicação consistente neste contexto foi a expressão *dágua* por *de água*, por exemplo, *um copo dágua* que, por tratar -se de uma expressão sedimentada, foi retirada dos dados. Os contextos de maior aplicação estão expressos nas terceira, quarta e quinta linhas. Por conseguinte o resultado da análise estatística e as pressuposições que vêm orientando este artigo são coincidentes.

Trata-se, pois, de uma regra cuja aplicação está restringida ao grupo clítico mas que, na variedade geográfica em consideração, é tolhida pelo portador de DTE. Note-se que outras variedades geográficas tendem a ultrapassar este obstáculo, franqueando-a a todo o grupo clítico. Todavia raras são as investidas na frase.

4.3 As variantes de-di

Na variedade de português de Porto Alegre, sul do País, a palatalização da oclusiva dental é uma regra de uso geral que apresenta vazios somente no grupo clítico.

A análise de Ana Julia Fritsch,¹⁰ realizada em uma amostra constituída de 2113 dados de Porto Alegre, RS, revelou que a variante *di* palatalizada é regra geral nessa comunidade e que a forma original *de* somente se localiza em certas locuções sintáticas. Veja-se a Tabela 1 em que o peso relativo mais baixo, indicativo de escassa probabilidade de ocorrência da variante *di* palatalizada é atribuída ao adjunto adverbial (0,21). Por outro lado, em termos porcentuais, os três primeiros fatores, objeto indireto, complemento nominal e adjunto adnominal, carregam índices altos e similares, acima de 80%, enquanto o adjunto adverbial mantém-se relativamente distanciado, ao redor de 60%. Observemos na Tabela 2, os valores relacionados à variável dependente *di*:

⁸ Aluna do Curso de Pós-Graduação do PUCRS

⁹ Pronomes pessoais enclíticos não foram encontrados no corpus.

¹⁰ Bolsista IC, do CNPq, junto ao projeto VARSUL.

Tabela 2
Funções sintáticas do grupo com a preposição *de*

| Fatores | Aplicação | Porcentagem | Peso Relativo |
|---|--------------|-------------|---------------|
| Objeto Indireto Ex.: gostava de caminhar | 248 283 | 88 | 0,63 |
| Adjunto Adnominal Ex.: ponte de pedra | 834 960 | 87 | 0,58 |
| Complemento Nominal Ex.: perto de casa | 395 457 | 86 | 0,56 |
| Adjunto Adverbial Ex.: chegava de tardezinha | 258 413 | 62 | 0,21 |
| TOTAL | 1735 2113 | 82 | - |

Input = .88

Significance= .000

Desse resultado infere-se que expressões com função adverbial preservam mais a forma original *de*, pois todos os demais fatores apresentam valores acima do pronto neutro. Isso nos põe diante do seguinte problema:

De acordo com a Fonologia Lexical, que conta com regras, princípios e derivações, e dois componentes separados, o das regras lexicais e o das regras pós-lexicais, os *bracketings*, digamos, os parênteses indicativos de limites de morfema, que são portadores de informação morfológica, são apagados totalmente no final do componente lexical, assim como são apagados, no fim do componente sintático, os parênteses referentes a informações sintáticas. Isso significa que às regras fonológicas pós-lexicais, entre as quais está o caso em estudo, não é dado acesso a informações morfológicas ou sintáticas. Diante disso são indistinguíveis no pós-léxico, por exemplo, um adjunto adnominal como *cor de rosa* de um adjunto adverbial como *chegou de noite*, fato já referido. Vejam-se mais exemplos:

| | |
|------------------------|-----------------------|
| (20) Adjunto adnominal | Adjunto adverbial |
| Pulseira de ouro | Cheguei hoje de manhã |
| Sete de setembro | Trabalha de noite |
| Cara de choro | atrás de mim |
| Abrigo de bonde | fui de ônibus |
| Doce de abóbora | morrer de fome |
| Cachorro de raça | antes de dormir |
| Posto de gasolina | morria de calor |
| Casa de cultura | mudou de novo |
| Bar de portugueses | vinha de condução |
| Coisas de antanho | vem de longe |

Então surgem perguntas: Haverá no pós-léxico reflexos sintáticos que permitiriam distinguir os dois conjuntos? Guardariam os clíticos memória de sua organização sintática? por que certas expressões recorrentes tendem a resistir à neutralização?

Embora Nespore e Vogel (1986), Sproat (1993), Kaisse (1985), entre outros, tenham argumentado em favor da visibilidade de regras sintáticas, fonotáticas ou de formação de palavra, em domínios pós-lexicais, questionando o apagamento de colchetes, parece que podemos encontrar uma resposta para o problema em pauta sem afastar-nos dos pressupostos da Fonologia Lexical. Iniciemos o percurso, repetindo a pergunta básica: como explicar a preservação da forma subjacente [de] em certas expressões, tratando-se de uma comunidade de fala que faz uso geral tanto da elevação das médias por neutralização quanto da palatalização da oclusiva dental que daquela regra se alimenta?

Uma volta aos dados permite constatar que o adjunto adverbial, o fator que, na Tabela 2, apresenta o índice mais baixo da presença da forma *di*, abrangendo expressões registradas na gramática normativa por locuções como *de noite*, *de dia*, *de tarde*, *de manhã*, *de leve*, *de repente*, *de frente*, *de cima*, *de lado*, *debaixo*, *de longe*, etc. São essas formas recorrentes na fala espontânea que tendem a preservar *de*, embora não sejam as únicas. Tudo indica que essas expressões, que são grupos clíticos por definição, estariam sendo reanalisadas por falantes dessa comunidade como uma só palavra, valendo o clítico por sílaba pretônica incorporada à palavra, razão pela qual fica invisível à regra de elevação da átona final. Erros escolares como *derrepente* (*de repente*), e grafias já anexadas ao vocabulário da língua como *debaixo* (de baixo) sustentam essa idéia.

Então temos uma resposta para o problema suscitado pela Tabela 1 que aponta para o adjunto adverbial como o preservador do clítico *de*. Clíticos são anexados ao cabeça por adjunção, como vimos. Todavia, em certos casos, em vez de adjunção, ocorre variavelmente a incorporação. São esses casos que bloqueiam a elevação da vogal média, pois sílabas pretônicas no interior da palavra não oferecem contexto para a referida neutralização. Por serem expressões recorrentes, é natural que divulguem por analogia a preservação do clítico *de* a seqüências similares, independentemente da informação sintática ou morfológica.

Considerando-se que dialetos de fronteiras tendem a ser preservadores, não é de estranhar o fato de que, na amostra em consideração, representativa da capital do extremo sul do País, Porto Alegre, onde a palatalização é regra geral, o referido clítico ainda persista com sua vogal original, dando origem à variação *de ~ dzi*

que o dados revelam. Dizemos "ainda", porque de acordo com os resultados referentes à variável tempo aparente, são os jovens os que menos preservam a forma original, como se depreende da Tabela 3.

Tabela 3
Idade

| Fatores | Aplicação | Porcentagem | Peso Relativo |
|-------------------------------------|-----------|-------------|---------------|
| 4 | 723 | 86 | 0,58 |
| Ex.: de 25 a 39 anos (1ª faixa) | 840 | | |
| 5 | 637 | 78 | 0,44 |
| Ex.: de 40 a 55 anos (2ª faixa) | 816 | | |
| 6 | 375 | 82 | 0,46 |
| Ex.: a partir de 56 anos (3ª faixa) | 457 | | |
| TOTAL | 1735 | 82 | - |
| | 2113 | | |

Input = .85

Significance = .002

Embora não se trate de uma amostra preparada para apontar o papel do fator idade através de sucessivas faixas etárias, a divisão em dois grandes grupos, mas de 50, menos de 50, assim chamados velhos e jovens respectivamente, os resultados da Tabela apontam para os jovens como os que mais uso fazem do referido clítico na sua forma modificada *dʒi*, com levantamento da vogal e conseqüente palatalização da oclusiva, do que se pode inferir que a mudança em andamento deve prosseguir.

Finalizando essa parte, vale notar que é no grupo clítico que encontramos mais um dos aspectos curiosos da fonologia do português. Vimo-lo como o menor contexto de aplicação da regra da elisão de /a/ em (4.1), como domínio de regra incipiente, elisão de /e/, em (4.2), vemo-lo agora como preservador da preposição de em sua forma original.

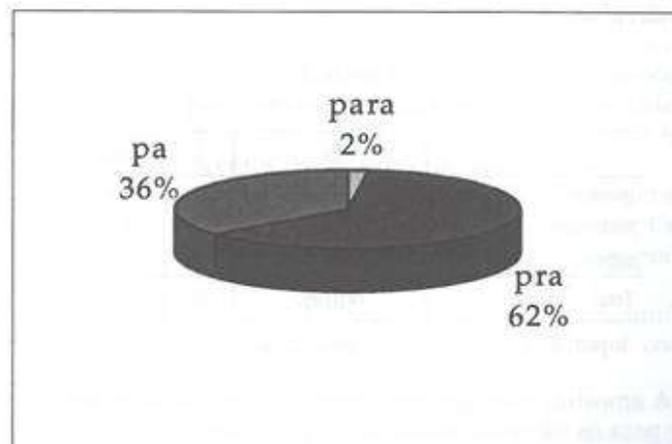
4.4 As variantes de *para*

Outra variação de contexto restrito é a redução silábica da preposição *para* sozinha ou em combinação como outro clítico, *para* ~ *pra* ~ *pa* ou *para*+o> *para*~*pro*~*po* com as respectivas formas pluralizadas, *para* os ~ *pros* ~ *pos*, *para* as ~ *pras* ~ *pas*. Seqüência similar em palavras proparoxítonas oferecem variação semelhante *abóbora* ~ *abobra* por exemplo, mas não chegam a CV, **aboba*, como o clítico *para*, na fala de adultos.

Em sua dissertação de mestrado, A Variação da Preposição *para* na Fala de Porto Alegre, desenvolvida na linha da Teoria da Variação, Leonardo Maya (2004), ao comparar os resultados de sua análise com os de duas outras dissertações que analisaram dados de variedades concernentes a outros Estados, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, constatou que as variantes referidas estão presentes em todas as amostras consultadas e que embora a forma privilegiada seja *pra*, a forma *pa* também se manifesta com certa regularidade.

A amostra de Porto Alegre, RS, projeto VARSUL, organizada por Maya, com 2034 formas ficou assim distribuída: 42 ocorrências de *para* (2%), 1251 de *pra* (62%) e 741 de *pa* (36%).

Gráfico 1
Distribuição das ocorrências



Como se observa, *para* revela tendências ao desaparecimento (2%) de uso, enquanto *pra* é privilegiada (62%), ficando *pa* com os 36% restantes de uma amostra de 2034 dados, o que permitiu a Maya dizer, considerando o papel dos fatores envolvidos, lingüísticos e extralingüísticos, e avaliando os resultados das duas outras análises em cotejo, que a variação *pra*~*pa* apresenta indícios de uma mudança em andamento. Todavia, a análise por tempo aparente, do uso de forma *pa*, ao mostrar números relativamente mais altos para os jovens (Tabela 2) não o faz com expoentes expressivos, sugerindo que se trata de uma variável que parece avançar timidamente através dos tempos. O ponto a salientar é a prevalência de *pra*.

Tabela 4

O papel da idade no uso de *pa* em relação a *pra* em Porto Alegre (B).

| | N | % | peso |
|--------------|----------|----|------|
| 26 a 38 anos | 337/831 | 41 | 0,53 |
| 46 a 54 anos | 274/663 | 41 | 0,51 |
| 55 a 69 anos | 130/498 | 26 | 0,44 |
| Total | 741/1992 | 37 | |

Input: 0,37

Significância: 0,021

Na verdade, o avanço da variante *pa*, privilegiada na fala popular, vem encontrando um grande obstáculo, que é a fala culta. Como vemos na Tabela seguinte, essa forma tende a ser rejeitada por indivíduos de curso superior.

Tabela 5

A variante *pa* e a escolaridade

| | N | % | peso |
|------------|----------|----|------|
| primário | 253/699 | 36 | 0,49 |
| secundário | 292/609 | 48 | 0,61 |
| superior | 196/684 | 29 | 0,40 |
| Total | 741/1992 | 37 | |

Input: 0,38

Significância: 0,004

A amostra, reduzida por nocaute a 1992 dados, revela, olhando-se para os níveis extremos de escolaridade, que a forma inovadora *pa* se faz mais presente entre informantes menos escolarizados (36%) do que entre universitários (29%). Trata-se, pois, como dizíamos, de uma variável oriunda da fala popular que encontra a resistência da fala culta.

Embora o contexto de aplicação seja o clítico e seu hospedeiro, esta variação pode não constituir um bom argumento em favor do grupo clítico, por tratar-se apenas de um item, cujas formas de expressão poderiam ser registradas no dicionário como variantes do morfema (Peperkamp 1996). Todavia vale ressaltar que tais variantes têm implicações socioculturais captáveis somente por meio de uma análise variacionista que pressupõe fatores e variantes como elementos de uma regra que atua em um contexto específico, no caso, o grupo clítico, um constituinte prosódico.

Em suma, depois de contemplarmos o clítico com seu hospedeiro em sua disponibilidade para sofrer regras pós-lexicais e nenhuma regra lexical e verificar sua função como domínio de regras que não são muitas em virtude de os clíticos formarem uma classe limitada de itens e, finalmente, constatar seu papel em certas regras, podemos afirmar que estamos diante um constituinte prosódico cujo papel na fonologia do português brasileiro não pode ser negligenciado. Chamemo-lo grupo clítico ou palavra fonológica pós-lexical.

Conclusão

O clítico e seu hospedeiro, como entidade prosódica, exposta somente a regras pós-lexicais, não pode ser confundida com a palavra fonológica correspondente à palavra lexical, a qual está sujeita tanto a regras lexicais quanto a regras pós-lexicais; o clítico, por sua vez, não se confunde com o afixo, porque dispõe de mais liberdade do que a forma presa, embora essa liberdade tenha também seus limites. Também não se confunde com a frase fonológica que para acentos de palavras não tem limites.

É o domínio específico de uma regra variável, o apagamento da vogal /e/, em final de palavra, cujo progresso por ampliação de contexto e de uso somente o perpassar dos tempos poderá informar.

É o preservador da vogal média do clítico *de* em comunidades que praticam categoricamente a redução vocálica e consequente palatalização da oclusiva dental [dʒi].

É o menor domínio de aplicação da regra de elisão da vogal /a/, que se distingue da degeminação e da elisão que atuam também no nível da palavra.

Finalmente é o contexto em que emergem as variantes da preposição *para*.

São esses os principais argumentos que sustentam a idéia de que o grupo clítico é um constituinte prosódico, cujo papel não pode ser ignorado na descrição do português brasileiro.

Referências

- BOOIJ, G. E. Principles and parameters in prosodic phonology. *Linguistics* 21, p. 249-280, 1983.
- BARBOSA, C. S. *A elisão da vogal média /e/ no sul do Brasil*. Dissertação de mestrado, PUCRS, 2004.
- BONET E.; LLORET, M. R. More on alignment as an alternative to domain: The syllabification of Catalan clitics. In *Porbus* 17, n. 1, p. 37-78, 2005.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- HALL, T. A. Phonological word: a review. In: HALL, T. Alan; KLEINHENZ, Ursula (eds.). *Studies on the Phonological Word*, v. 174, p. 1-22.
- KAISSÉ, E. M. *Connected speech*. The interaction of syntax and phonology. London: Academic Press, 1985.
- ; SHAW, A. On the theory of lexical phonology. *Phonology* 2, p. 1-36, 1985.
- LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry* 8, p. 249-336.
- MAGALHÃES, J. S. *O plano multidimensional do aceno na Teoria da Otimidade*. Tese de Doutorado, PUCRS, 2004.
- MAYA, L. Z. *A variação da preposição para na fala de Porto Alegre/RS*. Dissertação de mestrado, 2004.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Foris Publications, 1986.
- PEPERKAMP, S. *Prosodic words*. Dissertation 34. The Hague, Holland: Academic Graphics, 1997.
- SELKIRK, E. *Phonology and syntax*. The relation between sound and structure. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- . The prosodic structure of function words. In: BECKAMN, J. N. et al. *Papers in Optimality Theory*, 1995, p. 439-469.
- SOUZA DA SILVEIRA. *Fonética sintática*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.
- SPROAT, R. Looking into words. In: HARGUS, S.; KAISSÉ, E. (org.). *Phonetics and Phonology* 4. San Diego, Academic Press, p. 173-193, 1993.
- VIGÁRIO, M. *The prosodic word in european portuguese*. Dissertation... Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.
- ZEC, D. Rule domains and phonological change. In: HARGUS, S.; KAISSÉ, E. (org.). *Phonetics and Phonology* 4. San Diego, Academic Press, 365-403, 1993.



Publicações Periódicas da PUCRS

- **ACTA MÉDICA**
Registro dos formandos da Faculdade de Medicina – *Anual*
- **ANÁLISE**
Revista da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia – *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**
Revista da Faculdade de Biociências – *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS e Brown University – *Semestral*
- **CIVITAS**
Revista de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Semestral
- **DIREITO & JUSTIÇA**
Revista da Faculdade de Direito – *Semestral*
- **EDUCAÇÃO**
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação – *Quadrimestral*
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História – *Semestral*
- **LETRAS DE HOJE**
Revista de estudos de Linguística, Literatura e Língua Portuguesa – *Trimestral*
- **MUNDO JOVEM**
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado à Faculdade de Teologia – *Mensal*
- **PSICO**
Revista da Faculdade de Psicologia – *Quadrimestral*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**
Revista informativa – *Bimestral*
- **REVISTA FAMECOS – mídia, cultura e tecnologia**
Revista da Faculdade de Comunicação Social – *Quadrimestral*
- **REVISTA ODONTO CIÊNCIA**
Revista da Faculdade de Odontologia – *Trimestral*
- **REVISTA SCIENTIA MÉDICA**
Revista da Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria – *Trimestral*
- **SESSÕES DO IMAGINÁRIO**
Revista de Cinema da Faculdade de Comunicação Social – *Anual*
- **TECOMUNICAÇÃO**
Revista de estudos de Teologia e áreas afins – *Trimestral*
- **VERITAS**
Revista de estudos de Filosofia – *Trimestral*